

ARCO DE MAGUEREZ: A PROPOSTA DE UMA SEXTA ETAPA COMO ESTÍMULO A FORMAÇÃO PROFISSIONAL JUNTO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO ACADÊMICO

Ana Lúcia Costa e Silva¹, Maria Luiza de Borba Alves², Maria Teresa de Beaumont³.

^{1,2,3} Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos de Araguari/ Curso de Pedagogia

¹anaciacosta332@gmail.com, ² malu.borba1711@gmail.com

Linha de trabalho: Metodologias e Recursos Didático-Pedagógicos

Resumo: As questões que norteiam este estudo versam sobre o uso da Metodologia da Problematização com o Arco de Magueréz no componente curricular Projeto Integrador, pensando em como essa intervenção na realidade pode ser benéfica ou não, considerando a formação e atuação dos futuros profissionais, dentro da área pedagógica. Pensar sobre a possibilidade de implementação de uma sexta etapa, dentro desse processo, faz-se pertinente, para que repertórios de autogestão sejam implementados e os projetos, uma vez iniciados dentro de um contexto, tenham continuidade, caso sejam positivos; ou sejam repensados, caso sua repercussão, não seja tão benéfica para o grupo.

Palavras-chave: Arco de Magueréz, autogestão, formação profissional, Pedagogia.

Introdução:

A Educação caracteriza-se por um processo dinâmico, que necessita acompanhar tanto as mudanças de ordem estrutural do sistema quanto às mudanças humanas, quando consideramos, também, a presença da tecnologia como pertencente ao cotidiano das pessoas que desse contexto educacional fazem parte. Não só pela questão tecnológica, mas as pessoas mudam para adaptar-se melhor ao ambiente. E, no caso da educação, não seria diferente.

Desse modo, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia, passou por modificações quanto aos seus objetivos, perfil do egresso, matriz curricular, estágio supervisionado e uso das TICs, tanto em 2012 quanto em 2016. O processo de avaliação, mesmo não constando com alterações registradas no PPC, tem sido modificado por vários professores, em diversas turmas. Um dos pontos de partida das discussões que propiciaram as mudanças foi o entendimento sobre o perfil dos alunos que chegam ao ensino superior, principalmente em instituições particulares, nos últimos anos e aos melhores métodos a serem adotados para que a aprendizagem ocorra. Nesse sentido, estudos sobre metodologias ativas,

iniciados em 2011, foram temas de encontros de aperfeiçoamento docente continuado, resultando, em 2015, em uma visita a uma Faculdade paranaense.

Dentro deste contexto, e, mediante estes estudos, nos propusemos a implementar metodologias ativas de aprendizagem, uma delas denominada Metodologia da Problematização com o Arco de Magueres, implantada no PPC de 2012 e a outra, denominada Projeto Integrador (PI), implantada no PPC de 2016.

Cabe explicitar que, na verdade, o PI - I foi realizado como disciplina curricular no primeiro semestre letivo de 2016 e a metodologia adotada para o desenvolvimento dos projetos integradores dos diferentes grupos de alunos, foi a da Problematização com o Arco de Magueres. Nesse sentido, há que se rever a postura tanto do professor quanto do aluno, quanto aos papéis a eles atribuídos neste novo cenário, cujas palavras: protagonismo, ação, investigação da realidade, teoria e prática aliadas, dentre outras, fazem parte do contexto. Não há mais espaço para o professor reprodutor de informações. Tanto docente quanto discentes, têm tido seus papéis modificados neste novo cenário: o professor passa a ser mediador desse processo e aluno, protagonista, ou seja, precisa apropriar-se e auxiliar o docente na construção desse novo formato de ensino-aprendizagem, cujo foco está nessa última.

Durante as aulas do PI - I, com carga horária de 80h e duas professoras responsáveis pela disciplina, a turma de alunos (58 alunos matriculados no primeiro período) foi dividida em dez grupos, escolhidos por eles próprios, os quais também definiram a temática de interesse e os locais onde realizariam as observações e intervenções de seus projetos. Oito grupos escolheram o campo “escola”, um escolheu uma Organização Não Governamental (ONG) e um escolheu um hospital. Foram trabalhos com interesses bem variados, tais como: leitura, metodologia de aulas na Educação Infantil, a habilidade de ganhar e perder, espaços de sala de aula, reciclagem na escola, *bullyng*, racismo e preconceito, a importância do intérprete de LIBRAS para o aluno surdo e a atuação do pedagogo na brinquedoteca hospitalar. Consideramos as temáticas desafiadoras para alunos ingressantes, o que nos permitiu exercitar certa integração vertical no curso, uma vez que temas que ainda serão estudados em semestres posteriores foram abordados e, em alguma medida, compreendidos, bem no início.

Temos visto propostas inovadoras que permitem a flexibilização desse novo processo educacional e dentre elas, destacamos a Metodologia da Problematização com o arco

de Maguerez, uma vez que o temos usado nos cursos de licenciatura e bacharelado do Instituto Máster de Ensino Presidente Antônio Carlos de Araguari (IMEPAC); portanto, falamos sobre o assunto do qual estamos em estudo e aplicação junto aos nossos alunos, na busca por essa mudança tão necessária na formação dos profissionais atuais, que mais que portadores de conteúdos de suas respectivas disciplinas, devem sair, para o mercado profissional, prontos em termos de habilidades Socioemocionais.

Análise da Proposta: A Sexta Etapa em Questão

A metodologia da problematização como uma proposta de ensino, de estudo e de trabalho, pode ser delineada como aquela que:

(...) aborda situações cujos temas relacionam-se à vida em sociedade, caracterizando-se como ponto de partida e chegada dos estudos, pelos sujeitos envolvidos. A escolha por esta metodologia requer modificações na postura do professor e dos alunos, para reflexão e crítica aos temas; objetiva a mobilização dos alunos para agir politicamente enquanto cidadãos e profissionais em formação, um repensar e reconstruir a prática, aproximando o mundo da educação e o mundo do trabalho.” (PRADO et al, 2012, p.175).

Deste modo, citamos Berbel (2007), autora que descreve as cinco etapas do arco de modo claro e prático para facilitar tanto o entendimento quanto a aplicação da proposta junto aos acadêmicos. São elas:

1) Observação da Realidade: um grupo de alunos desenvolve um olhar atento sobre a realidade e o “o professor pode utilizar diferentes estratégias (visitas, filmes, dramatização, reportagens/notícias, discussão em grupo, entrevistas com população e especialistas, dentre outras) as quais permitam aos alunos uma aproximação da realidade.” (PRADO et al, 2012, p.174) e os alunos, apoiados pelo professor, selecionam uma das situações e a problematizam.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, P.125)

2) Identificação dos pontos-chave: refere-se a “escolha do que será estudado sobre o problema, os aspectos que precisam ser conhecidos e melhor compreendidos, para buscar uma resposta ao problema” (PRADO et al, 2012, p.174); é a “identificação de alguns possíveis fatores associados ao problema, como o que estaria ocasionando a existência do problema, de forma mais direta, naquele recorte de realidade.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.133). Refere-se, ainda a identificação das variáveis determinantes do problema, “possibilitando uma

maior compreensão da complexidade e da multideterminação do mesmo.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.125). “Num segundo momento, a reflexão toma como foco os possíveis determinantes maiores do problema. São aspectos da vida em sociedade que, de modo indireto, podem influenciar sobre o problema e os próprios fatores já mencionados. São, em geral, aspectos contextuais como políticos, econômicos, éticos, filosóficos, envolvendo valores etc.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.133). “Os pontos-chave podem ser expressos de forma variada: questões básicas que se apresentam para o estudo; afirmações sobre aspectos do problema; tópicos a serem investigados; ou, ainda, por outras formas.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.125)

3) Teorização: “Uma teorização bem desenvolvida leva o sujeito a compreender o problema, não somente em suas manifestações baseadas nas experiências ou situações, mas também os princípios teóricos que os explicam. Nesse momento de teorização acontecem as operações mentais analíticas que favorecem o crescimento intelectual dos alunos.” (PRADO et al, 2012, p.175), durante a Teorização, há a oportunidade de alterações em relação aos pontos-chave definidos na etapa anterior, caso se constate a necessidade de mais algum tópico ou da redundância de algum dos já definidos. (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.134)

4) Construção de hipóteses de solução: “consiste na elaboração de alternativas viáveis para solucionar os problemas identificados, de maneira crítica e criativa, a partir do confronto entre teoria e realidade.” (PRADO et al, 2012, p.175). “Nesse momento, os participantes são capazes de projetar suas ideias (SIC) que poderão vir a se transformar em ações concretas para solucionar ou dar passos no caminho da solução do problema estudado.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.135). “a criatividade e a originalidade devem ser bastante estimuladas para se pensar nas alternativas de solução.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.125)

5) Aplicação à realidade “possibilita o intervir, o exercitar, o manejar situações associadas à solução do problema.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.125). “Nessa etapa, os participantes analisam a aplicabilidade das hipóteses, as que poderão vir a ser transformadas em ações concretas na realidade de onde foi extraído o problema.” (COLOMBO; BERBEL, 2007, p.136); “os sujeitos envolvidos são levados à construção de novos conhecimentos para transformar a realidade observada, por meio das hipóteses anteriormente planejadas.” (PRADO et al, 2012, p.175-176). Neste caso, “o professor ou orientador assume um papel importante na condução metodológica do processo e não como fonte central de informação ou

de decisão das condutas, a cada momento. O aluno ou o orientando em pesquisa é quem deve aprender e desenvolver-se, sob a condução do professor ou orientador. Isso requer do professor, que elege essa metodologia para o trabalho com seus alunos, uma intencionalidade clara e persistente, no sentido da formação, muito mais que da informação, que sempre se faz presente.” (BERBEL, 2012, p.118)

A finalidade maior desta etapa é promover, a partir das hipóteses já elaboradas, “uma transformação mesmo que pequena, naquela parcela de realidade” (BERBEL, 1999, p. 6). As hipóteses passarão, portanto, por uma análise dos participantes, para verificar exequibilidade, a urgência, a prioridade etc., visando eleger aquelas que poderão ser realizadas para atingir mais diretamente o problema, contribuindo para a transformação da realidade estudada.

Neste ponto, acontece o encerramento da atividade e o aluno volta para seu campo teórico de estudo, qual seja, a sala de aula. E, justo nesse momento, a inquietação surge, não no sentido de questionar a validade ou não da metodologia ativa, pois, de fato, ela permite o repensar de papéis tanto do professor quanto do aluno.

O que nos questionamos, nesse momento, é em relação às consequências dessa intervenção, mediante “aplicação à realidade”. O que vem depois que saímos de cena? Como fica o cenário problematizado, após a resolução do problema? Temos como avaliar em que medida nossa intervenção foi positiva ou não? Preocupamos em saber se, de fato, o problema foi resolvido? Até que ponto nós conseguimos, sozinhos (enquanto área de formação, conteúdo, projeto) resolver o que “recortamos” ou “elegemos” como problema? Há mecanismos para acompanhamento dessa realidade que foi mexida, questionada, infiltrada; para que nossos alunos tenham uma formação de excelência?

Talvez pudéssemos nos contentar e nossa inquietação estivesse respondia neste parágrafo:

“Partir de uma prática social existente, passar por um amplo processo de reflexão sobre um dos problemas ali detectados e depois retornar para a parcela da realidade da qual o problema foi extraído, com alguma prática, desta vez mais informada, de modo consciente e intencionalmente transformadora, é realmente uma proposta de trabalho ativo, que envolve uma boa dose de reflexão – sendo por isso também crítico – e se complementa com algum grau de transformação da realidade.” (BERBEL; GAMBOA, 2012, p.283).

Nem sempre podemos considerar que toda transformação da realidade é positiva, benéfica. Sabemos que existem demandas a serem resolvidas, mas neste caso, somos nós,

enquanto educandos e educadores, que buscamos a satisfação dessa demanda, a partir de um olhar de fora, de contato com o contexto, neste exato momento, e não fazendo parte dele, **diariamente**. A realidade com a qual colocamos nosso aluno em contato vem toda junta;

“as divisões que fazemos são totalmente produzidas. (...) a realidade está junta e nós não estamos juntos, o mais que conseguimos, às vezes, é estar próximos, um ao lado do outro. E o que acontece é que cada especialidade, cada profissão acha que os problemas da realidade são problemas de seu campo.(....) mas acontece que o aparelho científico disciplinar e a condição profissional estão estruturados para isso, para encarar qualquer problema da realidade e estar, em princípio, convencido de que o problema é nosso: de cada um, do especialista, do profissional, (BAREMBLIT, 1994, p.108).

Berbel (2012), defensora da Metodologia da Problematização, a tem proposto como um caminho de ensino e pesquisa rico, porém complexo, o qual demanda esforços da parte dos que a percorrem, objetivando seguir as cinco etapas do Arco de Maguerez (observação da realidade e definição do problema, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade) e alcançar os resultados que suas características apresentam como potencial educativo. A proposta vem sendo divulgada em livros, revistas e sites da Internet. Porém, temos que ter claro, que nenhum potencial educativo pode ou deve se sobrepujar às pessoas que dele participam, pois falamos de intervenção à realidade na qual outras pessoas estão envolvidas. Fica, a priori, evidente, que a proposta é excelente do ponto de vista de formação do educando. Mas, e do ponto de vista de quem recebe essa intervenção; como medir essa excelência?

Considerações:

A inquietação existente numa percepção particular é: até que ponto nossa intervenção é positiva e realmente traz mudanças na realidade pesquisada? Em que medida essa intervenção não se torna invasiva? Como saber se a intervenção gerou frutos de melhoria?

O que se sugere, neste caso, é a possibilidade de inserção de uma sexta etapa já que ele retorna à realidade e faz a intervenção. Citando Baremblyt (1994), pode se propor um prognóstico,

“oferecendo a implantação de um dispositivo de auto análise coletiva permanente; ou seja, no momento em que saímos da organização, ficará uma disposição e uma instrumentação de dispositivos para que esse coletivo continue fazendo, de forma permanente, o processo de autoanálise e o processo de autogestão que induzimos, que introduzimos (...)nós saímos, e o trabalho continua. (p119)

E, finalmente, ainda segundo o referido autor, temos que discutir de maneira crítica e ética, o que será feito com o material obtido: se publicaremos; se vamos obter algum tipo de benefício, pois a realidade fica “alheia”, mas nós não podemos ficar alheios a esse movimento.

Dessa forma, compreendemos ser produtivo mantermos a metodologia do Arco no PI, ampliando o debate sobre a possibilidade de inserção, ainda que não formal, num primeiro momento, de uma sexta etapa, dado nosso interesse em obter retorno das instituições que abrem espaço para o diálogo entre teoria e prática que estamos conseguindo estabelecer, inclusive estreitando os laços entre o Ensino básico e superior na formação inicial de pedagogos.

Referências:

BAREMBLIT, G. F. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes:** teoria e pratica. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

BERBEL, N.A.N.. **Metodologia da problematização:** fundamentos e aplicações. Londrina: EDUEL, 1999.

BERBEL, N.A.N. A Metodologia da problematização em três versões no contexto da didática e da formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.12, n.35, p.103-120, jan./abr. 2012.

BERBEL, N.A.N.; GAMBOA, S.A.S. A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez. **Filosofia e Educação**, v.3, n.2, p.264-287, out.2011/mar.2012.

COLOMBO, A.A.; BERBEL, N.A.N. A Metodologia da Problematização com o Arco de Maguerez e sua relação com os saberes de professores. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v.28, n.2, p.121-146, jul./dez. 2007.

PRADO, M.L. do et al. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais da saúde. **Escola Anna Nery**, v.16, n.1, p.172-177, jan./mar. 2012.